

Ministério da Saúde de Moçambique

Projecto de Cooperação Moçambique-Brasil

**ANÁLISE DA VULNERABILIDADE DOS
ADOLESCENTES AO HIV/SIDA**
UMA ABORDAGEM QUALITATIVA

Responsáveis: **Aida Mahomed** – Assistente de IEC no Programa
Nacional de Combate às DTS/SIDA

Júlio César Barroso Pacca - consultor do
Ministério da Saúde do Brasil junto ao Programa de
Combate ao DTS/SIDA em Moçambique

Novembro de 2.000

I. Introdução

Moçambique, tal como outros países da África Austral, enfrenta a epidemia do HIV/SIDA, cuja tendência é de se agravar caso não se desenvolvam actividades essenciais de prevenção e redução do impacto, dirigidos aos grupos mais vulneráveis.

Sendo os jovens, um dos grupos mais vulneráveis, viu-se a necessidade de se desenvolverem acções de prevenção privilegiando a comunicação horizontal entre eles, através de Educação pelos pares.

A partir da constatação por técnicos do Ministério da Saúde de Moçambique, particularmente do Programa de Combate às Doenças de Transmissão Sexual/SIDA, de que os Manuais existentes de educação aos pares para jovens estudantes, estavam há muito ultrapassados e que seu formato não era aconselhável a tal actividade, iniciou-se um processo de preparação para a produção de um material que servisse como subsídio técnico à educação aos pares.

Para se atingir tal objectivo, viu-se a necessidade de conhecer os determinantes comportamentais dos jovens moçambicanos, visando detectar quais os elementos que os vulnerabilizam e/ou os protegem da infecção pelo HIV/SIDA e outras DTS.

Alguns dados já eram preliminarmente conhecidos através de publicações, como o Plano Estratégico Nacional (PEN) de combate ao SIDA e Impacto Demográfico do HIV/SIDA em Moçambique. Nestes documentos, estima-se que até o final de 1998 havia 1,1 milhão de pessoas vivendo com HIV em Moçambique, sendo que o sistema de nacional de vigilância não detecta entre 92 e 93% dos casos de SIDA do país.

Nas regiões centro e norte, onde se encontram as maiores prevalências do HIV, os dados dos postos sentinela, das consultas de acompanhamento pré-natal, apontaram que grande parte das mulheres infectadas possuíam menos de 20 anos de idade. Na população entre os 15 aos 49 anos de idade, encontrou-se prevalência de 12,6% de DTS. Num Inquérito Nacional sobre Prevenção de SIDA, realizado no país, abrangendo pessoas sexualmente activas com idade compreendida entre os 15 e 49 anos, 1.600.000 homens e 710.000 mulheres referiram ter relações sexuais com parceiros irregulares. Apesar da escassez de dados e investigação consistente pode-se, por meio dos instrumentos apontados nos documentos acima referidos, dizer que a transmissão do HIV/SIDA se dá principalmente por via heterossexual. Como causa secundária há a importante transmissão materno-infantil, responsável por 25% dos casos diagnosticados.

Com a projecção de mais de 10 mil novos casos de SIDA para cada ano nesta década, atingindo principalmente a população jovem, a doença poderá causar um impacto não só nos indicadores sociais como também na força

produtiva do povo moçambicano. E parte significativa (em torno dos 50%) desta população jovem está fora da escola, seja para obter rendimentos de modo a contribuir no orçamento familiar, seja porque perderam a matrícula do ano lectivo, seja porque as condições sociais os levaram a ficar fora deste espaço de socialização.

Sabendo que a idade média de início de relações sexuais, segundo o Inquérito Nacional, acima citado, é de 16 anos e que parte destas relações são desprotegidas, esta população coloca-se tanto por sua magnitude quanto pela sua vulnerabilidade, como um dos grupos prioritários de acção preventiva pelo governo moçambicano.

Como já dissemos, viu-se a necessidade de produção de um novo material que subsidiasse a acção de educação aos pares, estratégia de acção mundialmente adoptada, particularmente nos E.U.A, Brasil e outros países da África. Para tal, houve a necessidade de se conhecer de maneira sistemática os determinantes das práticas e atitudes destes jovens de modo a orientar a produção do Manual.

O modelo conceptual que orientou a construção de base para a análise e acção adveio do conceito de vulnerabilidade proposto por Mann (1992) e rediscutido no caso de jovens por Ayres (1996) : A vulnerabilidade à exposição ao HIV/SIDA e outras DTS variam de contexto para contexto e de sujeito para sujeito. Neste sentido, a vulnerabilidade social decorre das características sociais de uma dada região, como as relações de género, índice de alfabetização, taxas de mortalidade, práticas socioculturais, cidadania; a programática, que se refere ao acesso a serviços de saúde, de prevenção de DST/SIDA, acesso a informações, resposta da comunidade e respostas governamentais; e a individual, que se refere a características dos indivíduos, as práticas sexuais e uso de drogas, adesão ao preservativo, comportamentos discriminatórios aos já portadores, tolerância social.

II. Objectivo Geral

Obter informação para produção de um guia de educação pelos Pares, para jovens dos 15 aos 24 anos de idade.

III. Objectivos Específicos

Identificar os determinantes atitudinais dos jovens, dentro e fora da escola, que os vulnerabilizam à infecção pelo HIV e outras DTS;

IV. Método

Foram **realizadas 3 oficinas** com duração aproximadamente de 2 horas cada, com jovens de 15 a 20 anos de idade, estudantes da cidade e da província de Maputo e jovens fora da escola, da cidade de Maputo. Dado o período destas terem ocorrido no final do ano lectivo de 2000, não foi possível realizar, o controle de algumas variáveis, não imprescindíveis num estudo de desenho qualitativo, mas desejáveis por supostamente oferecerem diferenças e comparabilidade.

O encontro realizado no centro da cidade de Maputo, contou predominantemente com jovens do sexo masculino. Já nos dois outros grupos realizados em escola de característica rural (aproximadamente 60 quilómetros de distância da capital), era constituído somente por raparigas.

Os trabalhos decorreram numa sala de aula da própria escola, com 10 a 30 participantes cada. O trabalho foi conduzido por um mediador do trabalho e um observador, este último registrava a produção grupal num formulário pre-estabelecido (vide anexos).

Durante a realização das oficinas, procurou-se detectar: 1) imaginário frente ao SIDA; 2) percepção de risco; 3) comportamentos relacionados à prática sexual dos jovens e percepção sobre o uso do preservativo; 4) sugestões sobre formato de material a eles voltado. A técnica empregue assemelha-se à do grupo focal, entretanto centrada na produção colectiva do grupo permeada por opiniões pessoais.

Todo o material colectado foi a seguir tabulado em planilhas qualitativas, visando detectar as principais categorias explicativas dos itens investigados (as planilhas encontram-se em anexo). Dividiu-se assim o conteúdo manifesto durante as oficinas, classificando-os por verosimilhança interna da prática discursiva. Posteriormente, de forma cega procurou-se gerar uma análise explicativa dos conteúdos apresentados, com posterior aproximação e consenso entre estes e estabelecimento das categorias de análise. Estas categorias é que serão apresentadas nos resultados deste estudo investigativo.

Da mesma maneira, e com os mesmos pressupostos, foram realizados **2 grupos focais** com 8 participantes em cada um, que não se conheciam previamente ao estudo, em sessões de 2 horas de duração cada. Cada grupo foi conduzido por um mediador e observador e as sessões foram gravadas. Para estes grupos, e conforme os resultados obtidos nas 3 oficinas pré-realizadas, foram investigados os seguintes pontos: 1) percepção de risco à infecção pelo HIV e outras DTS; 2) dificuldades de uso de preservativos na primeira relação sexual; 3) conceito de fidelidade e confiança entre os jovens; 4) tolerância e discriminação em relação às pessoas vivendo com SIDA.

As duas sessões foram integralmente transcritas (em anexo), com posterior detecção de núcleos de resposta sobre cada tema abordado e subsequente classificação por categorias explicativas de tal fenómeno. Nos resultados apresentados a seguir situam-se as categorias explicativas depreendidas de tal estudo.

Dado o carácter qualitativo do desenho empregue, os sujeitos de pesquisa não precisam de ser escolhidos de forma casual ou aleatória, visto que não há necessidade de representatividade probabilística deste grupo em relação ao todo. No método qualitativo, parte-se do pressuposto teórico de que um indivíduo é marcado pelo geral e pelo particular do meio no qual ele vive, e a singularidade por sua vez traz elementos constituintes daquilo que é particular e também geral da população. É como se cada indivíduo carregasse na bagagem da sua formação as características que constroem e reconstroem a sua cultura, ainda que expressa de forma singular, de acordo com o modo de ver de cada um. Na reunião destas singularidades e na análise profunda da prática discursiva, pode-se chegar às características determinantes da cultura sobre o indivíduo e, assim, desvendá-las para se atingir os objectivos do estudo.

Por fim, foi realizada uma **reunião com seis técnicos** ligados à área de educação e saúde, na qual foram apresentados os resultados preliminares dos grupos e solicitado que estes discutissem com a equipa, qual seria a melhor estrutura de comunicação e abordagem num material educativo para estes jovens. Esta reunião teve duração aproximadamente de 2 horas e trinta minutos. Os resultados obtidos foram registrados pelo mediador do encontro sob os principais tópicos tratados, com posterior validação destes junto ao grupo seleccionado.

V. Resultados

Os resultados aqui apresentados referem-se a análise de discurso dos produtos obtidos nas oficinas, grupos focais e grupo de técnicos ligados à área da Saúde. Conforme consta na metodologia, analisamos os resultados a partir das categorias empíricas que foram geradas no contexto do processo de pesquisa.

As categorias encontradas, consideradas explicativas para maior ou menor vulnerabilidade à infecção pelo HIV/SIDA e DTS entre os adolescentes e jovens moçambicanos são as que se seguem.

1. Subsistemas explicativos da vulnerabilidade dos jovens

a) Ideologia de Género

A questão de género, tal como os resultados de pesquisas realizadas em diversas partes do mundo, parece ser também importante no contexto

moçambicano. Apesar de sua “transnacionalidade”, as questões de género expressam-se de maneira diferente a cada contexto sociocultural.

Observou-se grande diferença entre o poder de decisão nas questões relativas aos papéis socio-sexuais entre homens e mulheres, ficando parte deste poder concentrado nas mãos dos primeiros. “O homem tem direito e a mulher não” nas palavras de um jovem moçambicano parece estar explícito que ao homem é concedido o direito de ter mais de uma parceira sexual, de decidir sobre o uso ou não do preservativo nas relações sexuais e de escolher o momento de ter estas relações. E esta situação, ainda que presente mais ao sul e centro do país, parece ter lastro numa cultura em que era (ou é) socialmente aceitável e dentro da norma familiar a poligamia masculina. “Antigamente havia 4 mulheres no mesmo quintal... Mas as coisas vão mudando. Hoje conseguem ter 2 mulheres em casas diferentes”. E parece que as mulheres reproduzem este discurso, ao afirmar que “é normal... o homem tem muitas mulheres ... ele não fica gasto, só as mulheres é que ficam gastas, mulher quando anda com muitos é “água”. Neste sentido, ocorre como que uma naturalização destas relações de género, com uma degradação do aparelho sexual feminino frente à prática sexual, e aparente invulnerabilidade e imortalidade do pénis, que não “desgasta” com o uso e o tempo.

Os jovens (sexo masculino), apesar de terem um discurso de quem discorda desta situação assim colocada, parecem reiterar tal comportamento, como num jovem de 15 anos que afirma que “eu tenho duas namoradas... é muito simples... vai para casa de uma e depois na casa de outra...”

Caso a menina não ceda às suas vontades, o homem faz uso de um poder de coerção sexual sem caracterização de violência por parte da sociedade, nem mesmo por aquelas que sofreram tal acto. “No namoro você vai para casa dele e aquele coisa já está habituado... e, se nesta noite ele decidir, e eu tenho que ir para casa, e ele tranca as portas com as chaves, eu quero ir para casa ... você nunca vai achar que isto vai acontecer ... trancar as portas ninguém está ali, não adianta gritar, não pode fazer nada e aí acontece...eles trancam a porta...e meus pais iam perguntar onde é que eu estava?”. Se a moça não ceder, ele pode chegar mesmo a ser violento. “Há outros que batem para conseguir manter relações sexuais”. Nota-se, no primeiro relato, que a menina cede por temer chegar à casa mais tarde, o que mostra uma relação pouco aberta entre pais e filhas.

O que mais denota o carácter normativo desta conduta é que as meninas, em nenhum momento, parecem se sentir estupradas ou violentadas. Neste contexto, há que se considerar as dificuldades que as raparigas têm e terão em se “empoderar” para exigir o uso do preservativo consigo ou com outras possíveis mulheres que seus namorados ou maridos têm/terão. “Ela não tem o direito de levar o preservativo ele vai dizer... leva para quê?”. Parece ainda que há um desconhecimento por parte das mulheres de seus direitos sociais/sexuais.

Parece haver resistência por parte dos rapazes em aceitar que uma namorada ou parceira fixe carregue consigo o preservativo. “E não que venha a dizer que tenho camisinha no bolso para ocasionais! Nós fizemos um contrato e neste contrato deve haver confiança” diz um jovem de 19 anos. No contrato por ele citado repetidas vezes, ela não possui nenhuma cláusula por ela determinada, ainda que aparente para seu crescimento. “No nosso contrato, eu exijo que ela estude”. Assim, aparentemente demonstrando que a sua formulação de vida a dois nega uma mulher “burra e dependente”, parece reiterá-la numa nova forma de dominação, mas absorvendo valores hoje necessários à nova família global e no ego ideal da sociedade moçambicana.

Se esta situação se coloca como um entrave na transformação da relação de poder e na vulnerabilização da mulher frente ao homem na escolha de ter ou não relação e na possível exigência de uso do preservativo para a sua protecção, para alguns jovens esta tem mudado. “Nós estamos numa sociedade que as mulheres estão a desafiar os homens, hoje ser normal uma mulher conquistar um homem”

Talvez neste chamado “ego ideal” da sociedade se possa investir na estratégia de transformação de comportamento e atitudes por parte dos jovens. Sabe-se que, apesar das mudanças serem processuais e lentas, houve no mundo respostas efectivas num curto espaço de tempo mesmo em subgrupos populacionais de difícil acesso e transformação, particularmente nos usuários de drogas injectáveis ingleses, australianos e espanhóis, assim como em homens que fazem sexo com outros homens nos EUA, Brasil e Europa Ocidental. “É aquele consenso que a gente vai transar... nosso contrato de namoro”.

“Chegaram aqueles moços que fazem estas propagandas e deram 3 jeitos e saí e encontrei ela com 3 jeitos na mão, e perguntei onde ela pegou e pá: ofereceram! Eu fiquei nervoso, mas quem pode oferecer jeito, eu não está a gostar e ela disse: aqueles moços ali! E eu nervoso, tive que me rebaixar e fui perguntar para aqueles moços se eles tinham oferecido jeito, afinal de contas tinham sido eles na verdade. Mas se eu não tivesse encontrado aqueles moços talvez aí tivesse sido um escândalo”. Essa afirmação de um jovem de 20 anos remete à necessidade de se traçar estratégias de massificação da distribuição do uso de preservativo e na veiculação de mensagens que carreguem a ideia de ser comum as mulheres levarem consigo o preservativo.

O poder conferido ao homem, é reiterado também pelas mulheres. Lembrando Hegel, o escravo carrega em si as marcas do senhor e reitera a ele este poder. “Nós não levamos o preservativos” diz uma jovem. “Hoje também é normal uma mulher dizer ao homem: você não é nada...ou você já comeu banana com casca, o que o homem vai dizer? O homem arrasta o chão, não! Então, vai contraindo SIDA.”

À mulher que nunca pode dizer não, quando se coloca disponível ao homem, a este não cabe recusar. Ele tem que cumprir o seu papel de varão e de reprodutor, incapaz de recusar manter relações sexuais. Neste sentido, ele também se vulnerabiliza, visto que há meninas que rompem com as regras sociais

estabelecidas. Este rompimento, se traz o germe de uma transformação das relações de género e é desejável pelo movimento de valorização da mulher, fundamental na prevenção ao SIDA, também pode a ambos vulnerabilizar. “Há certas miúdas que não gostam de usar... as moças querem sentir o gosto”.

Há uma frase, referida por uma menina entre 15 e 17 anos, que parece resumir toda esta problemática, na diferença de género. “Porque sou mulher”, afirmou a menina quando perguntada sobre os seus riscos de adquirir HIV/SIDA. Isto também revela o tipo de educação que a menina recebe, na qual ela está sujeita a tudo, de forma passiva.

Assim, as dificuldades de uso remetem não só às relações de género, mas também ao significado intrínseco que o uso de preservativo parece demarcar. Seja pela questão da confiança e fidelidade, seja pelos prazeres que se fantasia perder com seu uso. Isto remete-nos à uma outra importante categoria de análise que se articula intrinsecamente a esta que acabamos que analisar:

b) Relação de Fidelidade e Confiança

Tal como o encontrado noutros estudos realizados em diversa partes do mundo, o método empregue no presente estudo, aponta a confiança como o elemento que demarca limites ao amplo uso de preservativos nas relações sexuais.

Apesar das meninas reconhecerem o risco ao qual estão sujeitas na relação de confiança (“Os moços são os que arranjam as doenças”), a confiança marca o não uso com parceiras consideradas fixas. “Eu sei porque o meu namorado é só meu...confiando não uso”. Os rapazes parecem não reiterar esta ideia, afirmando “é sempre bom confiar, mas é muito melhor também desconfiar”. E ainda dizendo que a “gente vai tendo relações amorosas, quaisquer que sejam a gente vai tendo uma certa confiança, uma certa confiança, e depois lá para frente criamos cada dúvida”. As meninas também apresentaram relatos de desconfiança, entretanto sem demonstrar objectivamente alternativas de intervenção nesta realidade e auto-protecção. Neste sentido, as meninas apresentam maior vulnerabilidade do que os homens. “Com meu namorado, eu nunca usei preservativos” diz uma jovem.

É na confiança que os rapazes também utilizam o conceito de amor para tentarem manter relações sexuais com suas namoradas. “Tu não confias em mim? Já namoramos há tanto tempo...” dizem elas sobre eles.

A desconfiança, apesar de ser comum a ambos os sexos, parece surgir de forma diferente na construção de género: O homem, com o poder de agir coercivamente frente à sua namorada. E a mulher, a passividade em aceitar tal condição como norma social e familiar. Um rapaz de 19 anos de idade é capaz inclusive de procurar um “contrato” que o proteja, afirmando, caso a sua namorada

resolvesse sair com outro rapaz, “no dia que isso acontecer... eu te peço de joelhos, use jeito.. mas infidelidade assim é a pior coisa”.

Os rapazes associam ainda o preservativo à prevenção da gravidez indesejada, nos quais afirmam que “se eu confiar na minha namorada a ideia é usar o preservativo para não engravidar” e ainda: o preservativo “é mais para as mulheres, para planeamento familiar”. Mas esta preocupação é em relação à namorada e não em relação à “gaja da rua”. A esta, só cabe a prevenção de doenças.

c) A primeira relação sexual

Numa das oficinas realizadas só com o grupo de meninas, várias delas (do meio rural) afirmaram que não usam ou usariam o preservativo na primeira relação sexual. “Acontece com o primeiro namorado, depois elas ficam espertas”, afirma uma menina do grupo focal. Os rapazes parecem reiterar este facto, afirmando que “e quando isto acontece a moça vem com aquelas ambições e diz ao homem: eu não quero ter nenhuma barreira por dentro!”. E nestas circunstâncias, o menino respeita o desejo da menina e mantém relações sexuais sem o preservativo se esta afirmar que é a primeira relação dela: “Agora se for a primeira dela... faço a relação... a desconfiar... mas faço” diz um jovem de 15 anos.

d) Impossibilidade de resposta à prevenção

Nas oficinas realizadas com jovens estudantes do meio urbano e rural, em nenhuma delas houve a apresentação espontânea de uma acção possível de prevenção frente ao SIDA. O que emergiu nestes grupos foi apenas o medo. Mas um medo aparentemente paralisante, que impossibilita recorrer aos recursos internos de auto-protecção.

“Vale a pena usarmos o preservativo” disse um jovem do grupo focal, “É preciso que o jovem ponha na cabeça que o jeito é a melhor forma de prevenção”, receita outro.

Entretanto, é na fala de um rapaz de 20 anos, que parece apontar ao mesmo tempo, o caminho do investimento a ser feito e certo fatalismo e impossibilidades inerentes a sua condição. “Porque nós estamos numa sociedade, a nossa sociedade, existe camadas de pessoas, existe pessoas que vão escola, existe pessoas que não vão a escola... investir numa educação que parte mesmo da escola primária, porque o problema do SIDA, eu acho que vai actuar mais nas crianças, aquelas de 12 ou 13 anos, porque elas não sabem nada”

Isto talvez decorra do tratamento dado ao SIDA em Moçambique, com mensagens negativistas e baseadas numa estratégia preventiva relacionada ao amedrontamento da população.

e) Fatalismo catastrófico

Este subsistema articula-se com o anterior no sentido de uma possível relação causal entre o fatalismo predominante e a incapacidade de resposta factível e concreta em relação à prevenção. Entretanto, talvez neste resida a confluência de uma série de factores que tem marcado a resposta ao SIDA em Moçambique: 1) comunicação centrada no terrorismo; 2) ausência de tratamento antiretroviral aos já portadores, o que leva a alta mortalidade e menor taxa de sobrevivência; 3) baixa cobertura de diagnóstico; 4) inadequado serviços de saúde fora dos grandes centros, principalmente onde a prevalência é maior como na região centro do país; 5) pequena articulação entre governo, sociedade civil e agências de cooperação bi e multilateral; 6) cultura nacional que alia as doenças à feitiçaria e aos espíritos.

Este conceitos podem também trazer o sentimento imposto e absorvido pelo indivíduo frente a sua exposição ao HIV e, deste a outrém. “Eu fiquei 6 meses... aqui estou mal... eu pensando que tinha contraído o HIV... era uma moça que andava por aí, tinha muitas brincadeiras, eu pensar que já tinha e que já tinha transmitido à minha namorada”

No trabalho de grupo, durante oficina realizada, tendo como base uma prancha que visava estudar a concepção de cadeia de transmissão e preconceito, um grupo relatou uma estória que exemplifica parte do que estamos a demonstrar, na qual “moça que apanha SIDA com moço “seringueiro”. Conhece outro e vai passando o vírus... o senhor passa à mulher, no fim, todos no hospital”.

Nos grupos em que se estudou o significado de SIDA entre os jovens estudantes, os conceitos levantados foram: morte, sexo, incapacidade, doença, medo, sintoma, bicho, desgraça, infidelidade, vírus, prostituição, angústia, necessidade de preservação, tragédia, degradação, repulsa, tristeza, frustração, síndrome. Em nenhuma das oficinas realizadas e também nos grupos focais, surgiu ao menos uma única palavra que pudesse remeter a uma possibilidade de transformação e operação sobre a realidade. Como que viver uma ilusão da qual não se pode sair, expressa por um garoto de 18 anos, quando perguntado sobre as possibilidades de prevenção “vivemos naquela ilusão que não conseguimos viver assim”.

f) Preconceito ao seropositivo

Nas oficinas realizadas vários jovens acharam que se devia separar os utensílios de uso comum (como pratos, copos) dos utilizados por seropositivos. Uma jovem afirmou que cada um deveria “ter os seu pratos, tigelas”.

Numa situação de construção da cadeia de transmissão do HIV, um grupo construiu uma estória na qual “uma moça filha de pais ricos, usa droga, pais desesperados, moça começa a frequentar bares. Descobre que tem SIDA e amigos abandonam-na”.

Chegam a atribuir inclusivé ao portador do vírus uma certa perversidade, afirmando que alguns diriam que “não querem morrer sozinhos, vão transmitir a outra pessoa”

Entretanto, no grupo focal com rapazes, há uma possibilidade de resposta positiva aos já portadores desde que “se for um amigo do braço direito, ajuda ele, fica com ele...”. Afirmando que aos portadores deve-se conceder cuidado e conversa. “Tivemos um amigo que chegou a se contaminar... não devemos desampará-lo fazemo-lo entender que a vida não chegou ao fim. Aceitar a si daquela maneira... vai ser diferente...E quando a gente tem SIDA a vida não pára. Precisa aprender a conviver com este problema. Só não pode levar uma vida de uma pessoa que não tem SIDA”.

g) Falta de informação adequada

Em todos os grupos realizados, seja nas oficinas ou nos focais, observou-se baixo conhecimentos sobre as formas de prevenção e transmissão da SIDA. Mesmo que os jovens tenham conhecimento sobre os meios efectivos de transmissão do HIV, parecem desconhecer meios que definitivamente não transmitem o vírus. Este elemento acentua o subsistema anterior apresentado, já que ao remeter a transmissão de SIDA às situações de convívio social impede uma convivência natural entre infectados e não infectados.

Um dos jovens do grupo focal chegou a afirmar que “era a primeira vez que a gente tem uma conversa sobre este assunto”. Se há muitos jovens dentro da escola como fora da escola, esta última afirmação é preocupante, principalmente por vir de alguém que frequenta uma associação, cuja missão, abarca a questão do SIDA.

A falta de informação sobre SIDA pode levar a um sentimento de invulnerabilidade a esta, visto que “tem gente que acha que nunca vai ter SIDA”, segundo um adolescente de 17 anos, chegando até a poder negar a existência de tal doença.

Em relação ao preservativo, há ainda muitos mitos a ele relacionados. Frases como “comer casca com banana” ou “tomar banho com capa de chuva” apareceram de forma recorrente. Isto remete à crença que o preservativo pode diminuir o prazer sexual. “chega uma certa altura que pá... não lhes dá certo prazer eles tiram... deixa aquilo de lá e vão fazer sexo... comer banana com casca

não tem sentido”. Estas concepções podem fazer com que a população retire o preservativo da relação de forma prematura e sem ponderar.

“Há outros que não gostam... não sentem o gosto”, afirma uma rapariga de 18 anos, relacionando o uso de preservativo à falta de prazer sexual, claramente colocada por um jovem que afirma que “quero sentir mais prazer do sexo; portanto sinto mais o prazer sexual sem o preservativo”.

Alguns jovens afirmaram não ver diferença no uso ou não do preservativo quanto a uma possível falta de prazer, inclusive um jovem de 20 anos afirmou que ficou muito excitado com a possibilidade de usar preservativo, remetendo a este uma certa erotização no seu uso. “Já transei sem preservativo... foi bom... com jeito ou sem jeito é igual para mim.. a diferença é psicológica”.

Mas o desconhecimento vai além da relação de prazer. Há desconhecimento sobre a forma de usar o preservativo (“a primeira vez foi difícil, eu não sabia. Não vou mentir, eu não sabia que se aperta o “biquinho”, jovem de 20 anos) e até mesmo sobre sua função. “Não usam o preservativo por que acham que o preservativo pode transmitir doenças...”. Aqui parece haver clara associação entre o uso de preservativos e comportamentos de risco, como que dizendo que o indivíduo entrou em contacto com pessoas sob risco e o uso de preservativos (e não somente o contacto com este indivíduo) acaba por transmitir doenças.

Um jovem parece apontar para a saída, afirmando que “precisa se investir para se acabar com esta ignorância”, principalmente na escola primária, para os pequenos, já que muitos começam muito cedo nas relações sexuais. Aponta também para a questão da prostituição infantil, subsistema que abordaremos a seguir, exemplificada na sua expressão “prostituição infantil, parece que eu já ouvi falar disto, aquelas crianças são muito menores, que não tem concepção da doença... nem sabe o que é jeito”.

g) Comportamentos estigmatizados:

A questão do estilo de vida associado a comportamentos estigmatizados apareceu de forma mais contundente nas oficinas realizadas com jovens estudantes. A relação entre a cadeia de transmissão e prostituição, múltiplos parceiros por parte das mulheres e uso de drogas emergiu na significação de SIDA e na construção do quadro que suscitava o contexto de transmissão (veja anexos).

Neste trabalho, houve a construção de estórias como “ vaidosa com muitos parceiros, que se torna prostituta, consome drogas e no hospital descobre que tem HIV; não sabe aonde, se contraiu com parceiros ou no consumo de drogas”. E ainda, “família 3 pessoas. Pai e mãe a trabalhar ficam desempregados, filha procura emprego e frequenta boates, vai para a prostituição. Engravidada e tem 2

filhos de um branco e de um negro drogado”. Interessante notar o quanto a cadeia de transmissão é vinculada a comportamentos aparentemente tão distantes da prática destes jovens. E, ainda: o elemento desencadeador da transmissão é sempre uma mulher. Aqui reside uma importante questão de género associada aos comportamentos de risco. Parece que só a mulher, quando sai de uma regra social, é que parece trazer a desgraça para a família. As figuras masculinas aparecem como que vitimados pela mulher com comportamento de risco. E neste talvez reSIDA as maiores dificuldades dos rapazes assumirem como de risco algumas de suas práticas, já que, para eles, risco implica um “desvio” de comportamento frente a regra social. E a regra social reitera os comportamentos de risco destes jovens do sexo masculino e das meninas, que provavelmente não associam sua prática aquelas formas consideradas “desviantes”. Assumir o risco é assumir o papel de desviante. A sua condição de mulher, é a de trazer as desgraças sociais e culturais. “Porque sou mulher” parece que novamente ressurgue como discurso explicativo da situação da jovem moçambicana e sua passividade frente ao direito reprodutivo, sexualidade e prevenção de DTS e SIDA.

2. Sugestões para a construção de material educativo

Neste item, contamos com a contribuição dos grupos de jovens e também com grupo de técnicos. Conforme o descrito no método, aos primeiros solicitou-se a sua opinião sobre o formato do material e ao segundo grupo, qual seria a estrutura do Manual de Educação aos Pares entre Jovens.

À excepção de um grupo de raparigas, os grupos consideram que o material deveria conter um certo equilíbrio entre texto ou figura. Ou seja, que o Manual não tenha exclusivamente textos, mas também figuras explicativas. Consideraram também que o Manual não deveria ser muito “grosso”, ou seja, com um grande volume de páginas que não estimula a lê-lo. Todos os grupos acham que o formato o ideal para o Manual, seria um pouco maior do que um caderno A5, e não a medida 21cm X 29 cm (ou A4).

Os grupos citaram que a presença de actividades e exercícios facilitam o processo de aprendizagem. Os grupos consideraram também que o Manual deve ter uma abordagem séria, como SIDA o é.

Já no grupo dos técnicos, estes apontaram os seguintes factores e sugestões à produção do Manual:

- Há uma relação entre redução do prazer e uso de preservativos, devendo-se reduzir esta associação;
- Há que se erotizar o uso de preservativos, de modo a estimular o seu uso;

- A mensagem de SIDA ligada a aspectos negativos traduz o fatalismo e ela associado
- A produção de materiais deve trazer uma visão mais positiva da convivência com SIDA
- O material deve ser bem-humorado, já que o humor pode falar de coisas sérias, porém de forma mais lúdica;
- Deve também propor alternativas ao uso de preservativos para casais que não o adoptarão;
- O material deve prever um conceito de fidelidade não propriamente ocidental, ou seja, o homem pode se considerar fiel dentro da poligamia; traição seria em um contacto ocasional; esta situação apresenta-se tanto nos adultos como nos jovens;
- Deve-se propor uma cultura de uso de preservativos;
- Há uma relação a ser vencida entre prostituição e uso de preservativos;
- Os jovens estão mais preocupados com a gravidez;
- Há o risco colocado na prática do curandeirismo;
- Apresentar formas de aconselhamento mais científico;
- Os jovens tem pouca oferta de algo positivo na vida, devendo-se oferecer e construir alguma perspectiva de facto;
- O material deve ter uma linguagem mais “para cima”, mais alegre;
- Os estudos de recepção devem levar em conta que muitas vezes o material e forma pretendidos pelos jovens acabam por se situar no mesmo estágio comunicacional que eles estão e conhecem; assim, haveria pouca possibilidade de inovação e ousadia. Deve-se levar em conta a sua opinião, entretanto, a estratégia de comunicação deve ser definida em definitivo durante os estudos de análise de vulnerabilidade e técnicas de comunicação.

VI. Discussão

Os 8 subsistemas apresentam-se como determinantes das atitudes do jovens frente ao SIDA e outras DTS, em maior ou menor grau de relação causal; Na verdade, poder-se-ia pensar numa relação multicausal entre estes. As questões de género demarcam parte das relações de confiança e fidelidade, assim como a atribuição aos indivíduos do sexo feminino com comportamento que foge a regra social como responsável pela transmissão de SIDA e outras desgraças.

O fatalismo catastrófico está associado provavelmente ao modo como o SIDA tem sido tratado pelas respostas governamentais e não-governamentais, no que se refere à estrutura de comunicação adoptada. Isto pode levar a tal medo que coloque o indivíduo numa posição de defesa e, por vezes, de negação da doença. Como se a doença, sendo fatal, ligado ao desvio e afectando práticas e atitudes tradicionais nas relações amorosas (como a primeira relação sexual), não

pudesse ter nada a ver com ele. Isto por vezes acaba levando a comportamentos preconceituosos, que aliados à falta de informação impossibilitam um avanço em direcção a práticas mais seguras.

Nesta multideterminação, pensamos que um manual voltado ao activista não deveria abordar as questões de forma separadas, mas no conjunto da estratégia de educação e comunicação. Assim, ao se falar de transmissão sexual do HIV, devia-se, por exemplo, contextualizá-la num ambiente relacionando a confiança entre parceiros, ao mito da primeira relação sexual ser incólume de infecção ou gravidez e ao fatalismo.

Como o imaginário social reflecte uma imagem carregada de conceitos negativos, o manual deve ter um linguagem mais positiva, bem-humorada, que crie um ambiente favorável para que o jovem possa entrar em contacto com este, de maneira a transformar sua realidade.

De acordo com o perfil detectado nos jovens, deve-se escolher uma zona proximal de conhecimento que possa ser por eles absorvido e que lhes faça sentido. Entretanto, deve-se propor um salto qualitativo e quantitativo, seja na tática de comunicação como também das informações e reflexões propostas.

Um manual deve conseguir reunir três dimensões do sujeito, aquela em que repensa no seu “ser”, o que ele é e o que pretende, como ele se relaciona com as pessoas e valores; também com a dimensão do “saber”, que lhe oferece o conhecimento necessário a uma transformação (*trans* de ultrapassar e *forma* de uma dada configuração; assim transformação enquanto transcender a uma forma ou fôrma); e o “saber fazer”, que lhe confere ferramentas para o seu papel de activista.

VII. Bibliografia

1. Ayres, J.R. “O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser: a vulnerabilidade como eixo de avaliação de ações preventivas ao abuso de drogas, DST e AIDS entre crianças e adolescentes” in Revista Idéias, São paulo: FDE, 1996.
2. Mann, Jonathan; Tarantola, Daniel; Netter, Thomas. *AIDS no mundo*, Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABIA/UERJ, 1992.
3. Ministério da Saúde de Moçambique, *Plano Estratégico Nacional*, 2000.
4. Ministério da Saúde de Moçambique, *Impacto Demográfico do HIV/SIDA em Moçambique*, 2000.

VIII. Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à todos os jovens que participaram voluntariamente dos grupos formados, a Direcção de Educação da Cidade de Maputo e Província de Maputo, a Direcção das escolas Secundária Josina Machel e EP2 de Jonasse e ao Núcleo de Mavalane. Este agradecimento é extensivo ao Sr Fabião Ginja.e à Sra Zainabo que participaram nos grupos focais como relatores.

IX. Anexos

Anexo 1. Tábulas dos *Workshops* realizados com jovens na escola.

Roteiro de Observação de Grupo de Jovens Escolarizados

Escola: Josina Machel

Número de integrantes: 30

Rapazes 25 Raparigas 05

Idade Média do Grupo 19 a 20 anos

CONCEITOS RELACIONADOS À SIDA

	Conceitos	Análise Explicativa
Por ordem	Morte, sexo, incapacidade, doença, medo, sintoma, bicho, desgraça, infidelidade, vírus, prostituição, angústia, necessidade de preservação, tragédia, degradação, repulsa, tristeza, frustração, síndrome	Na relação de conceitos há certa FATALIDADE, FATALISMO, ASSOCIAÇÃO NEGATIVA; associação com a Morte
Epidemiológico	Bicho, vírus, infidelidade, sexo, prostituição, síndrome, doença	Relação de SIDA com estilo de vida
Significação	Morte, incapacidade, desgraça, sintoma, angústia, tragédia, degradação, repulsa, tristeza, frustração	NEGATIVISMO
Resposta possível	Necessidade de preservação, medo	Não parece haver resposta possível do indivíduo

Notas do observador: os participantes tinham muita familiaridade com o tema SIDA, apresentando opiniões divididas quanto a atitudes preconceituosas em relação às pessoas vivendo com SIDA. Notou também que há média percepção de risco dos participantes, com presença de medo em relação a SIDA.

RISCOS PARA ADQUIRIR SIDA

A partir da questão “Eu posso pegar SIDA...” os participantes foram convidados a completar a frase:

Conteúdos Emergentes	
<p>“porque mantenho relações sexuais com pessoas infectadas pelo HIV” “porque pratico relações sexuais frequentemente, às vezes com pessoas diferentes” “porque faço relações sexuais com mais de uma parceira” “me envolvo com pessoas que não tenho certeza de que tenham SIDA”</p>	<p>A RELAÇÃO DE RISCO SE ESTABELECE NA AÇÃO DE RELACIONAR-SE SEXUALMENTE COM VÁRIOS PARCEIROS</p>
<p>“porque tenho sexo com várias parceiras e sem protecção” “porque não uso preservativo” “porque não cuido do meu sexo ou se não tiver o sexo frequentemente exagerado” “nem sempre uso o preservativo” “não uso camisinha” “mantenho relações sexuais sem preservativo e troco de parceiro” “não me previno” “não uso preservativos nas relações sexuais ou quando tenho muitos parceiros”</p>	<p>A RELAÇÃO DE RISCO SE ESTABELECE NA AÇÃO DE RELACIONAR-SE SEXUALMENTE SEM O PRESERVATIVO</p>
<p>“é transmissível, não tem cura, sou infiel” “irei manter relações sexuais sem nenhuma prevenção por apenas depositar confiança a esta pessoa” “confiar no meu parceiro e ele ser infiel” “por um descuido qualquer ou quando acho que confio demais em alguém, não uso camisinha”</p>	<p>A RELAÇÃO DE RISCO SE ESTABELECE NA AÇÃO DE RELACIONAR-SE SEXUALMENTE BASEADO NA CONFIANÇA</p>
<p>“porque uso objectos cortantes não esterilizados” “não uso camisinha, uso agulhas não esterilizadas, mesma lâmina com várias pessoas” “corto meu cabelo no cabeleireiro público” “no hospital através de agulhas, lâminas, seringas, etc.”</p>	<p>A RELAÇÃO DE RISCO SE ESTABELECE NO USO DE MATERIAIS INFECTADOS</p>
<p>“sou jovem e sexualmente activa” “eu posso apanhar o SIDA porque existe” “eu posso pegar SIDA porque namoro” “porque há várias maneiras de transmissão de SIDA para além da transmissão sexual e é difícil controlar”</p>	<p>APARECE UMA RELAÇÃO FATALISTA DO MUNDO, SEM INTERVENÇÃO DO SUJEITO</p>

ESCOLHA DE USO DE PRESERVATIVOS

A partir da questão “Eu NÃO uso preservativos quando ...” os participantes foram convidados a completar a frase:

Conteúdos Emergentes	Análise Descritiva
“estou com alguém que confio profundamente” “quando acho que meu parceiro não me trai” “esqueço-me... estou com a minha namorada” “quando tenho certeza de que meu amor é fiel” “relaciono-me sexualmente com a minha namorada” “quando faço relações com minha parceira” “mantenho relações com meu namorado e alguém com que já conversei e existe uma confiança mútua” “quando pratico relação sexual com minha namorada” “acho que a pessoa com quem me meto é fiel, lhe confio” “quando estiver a fazer amor com minha parceira porque há fidelidade” “mantenho relações sexuais com um indivíduo conhecido”	A relação com parceiro de confiança impede o uso de preservativo
“sei que eu e a minha parceira somos fiéis e não somos portadores do vírus” “só quando mantenho relações sexuais com meus parceiros e tenho confiança de que não esteja infectada” “quando tenho certeza de que o meu parceiro não é seropositivo”	Associação de fidelidade, confiança e certeza de não infecção
“quando não faço sexo” “quando não mantenho relações sexuais”	Relacionam-se a abstinência sexual
“quando é a primeira vez com uma parceira”	Associação entre não uso e primeira relação sexual
“quando quero sentir mais prazer do sexo; portanto sinto mais o prazer sexual sem o preservativo”	Associação entre uso de preservativo e prazer sexual

USO DE PRESERVATIVOS ENQUANTO PREVENÇÃO

A partir da questão “Usar preservativo é ...” os participantes foram convidados a completar a frase:

Conteúdos Emergentes	Análise
“é seguro” “seguro e preventivo” “coisa necessária”	Relação entre preservativo e segurança
“prevenir SIDA ou gravidez” “medida de prevenção contra as DTS/SIDA, também prevenimos as gravidezes precoces” “é evitar a propagação das DTS/SIDA, também a gravidez inesperada” “contágio do SIDA e evitar a gravidez” “uma forma de prevenir o SIDA como também de prevenir a própria gravidez”	Relação entre prevenção de SIDA e gravidez indesejada
“manter-me vivo, porque protejo-me de DTS” “previno-me do SIDA e DTS” “proteger-me de várias doenças sexuais” “abster-se das DTS” “mínimo que eu posso fazer se penso na minha vida e dos meus familiares mais próximos”	Relação entre uso de preservativos e protecção

CONCEITOS SOBRE CADEIA DE TRANSMISSÃO

Conteúdos Emergentes	Análise
“ vaidosa com muitos parceiros, que se torna prostituta, consome drogas e no hospital descobre que tem HIV; não sabe aonde contraiu com parceiros ou consumo de drogas”	Fatalismo e transmissão relacionada aos vários parceiro/as sexuais, prostituição e uso de drogas; faz um triângulo e apontam um desses determinantes do triângulo
“ menina bem comportada, amigos drogados, contraiu SIDA pela seringa e foi ao hospital”	Fatalismo
“moça que apanha SIDA com moço seringueiro. Conhece outro e vai passando o vírus... o senhor passa à mulher, no fim, todos no hospital	Fatalismo, convívio com consumidores de drogas e múltiplos parceiros; ambiente favorece
“família 3 pessoas. Pai e mãe a trabalhar ficam desempregados, filha procura emprego e frequenta boates, vai para a prostituição. Engravida e tem 2 filhos de um branco e um negro drogado	Fatalismo e prostituição
“moça filha de pais ricos, usa droga, pais desesperados, moça começa a frequentar bares. Descobre que tem SIDA e amigos abandonam-na”	Fatalismo, preconceito e exclusão social prostituição

SUGESTÕES PARA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS

- Que tenham figuras
- Livros correntes tem figuras assustadoras
- Texto e figuras
- Com exercícios
- Colorido
- Formato A5
- Linguagem Corrente
- Ilustrações Sérias
- Mostrar a verdade, ver o que a SIDA faz.

Escola: EPII Jonasse

Número de integrantes: 15

Rapazes 0 Raparigas 15

Idade Média do Grupo 15 a 17 anos

CONCEITOS RELACIONADOS À SIDA

	Conceitos	Análise Explicativa
Por ordem	Doença, transmissão sexual, medo	Doença de transmissão sexual
Epidemiológico	Doença, transmissão sexual	----
Significação		-----
Resposta possível	medo	Única resposta possível

Notas do observador: os participantes tinham pouca familiaridade com o tema SIDA, apresentando opiniões preconceituosas em relação às pessoas vivendo com SIDA. Notou também que há média percepção de risco dos participantes, com presença de medo em relação a SIDA.

RISCOS PARA ADQUIRIR SIDA

A partir da questão “Eu posso pegar SIDA...” os participantes foram convidados a completar a frase:

Conteúdos Emergentes	Análise
<p>“o meu namorado pode andar com muitas namoradas que tem doença de transmissão sexual e lhes contaminam. Ele vem manter sexo comigo contamina também ou através das agulhas”</p> <p>“porque com o meu namorado não uso o preservativo”</p> <p>“quando o meu namorado usar preservativo”</p>	<p>A RELAÇÃO DE RISCO SE ESTABELECE NA AÇÃO DE RELACIONAR-SE SEXUALMENTE COM PARCEIRO FIXO</p>
<p>“faz relações sem preservativo. Lâmina já utilizada”</p> <p>“porque se ir aos curandeiros utilizar da mesma lâmina”</p> <p>“porque quando vou aos curandeiros pode utilizar as lâminas e agulhas”</p> <p>“eu não posso pegar SIDA porque não utilizo lâminas já utilizadas nem vou ao curandeiro, faço relações sexuais usando o preservativo”</p>	<p>A RELAÇÃO DE RISCO SE ESTABELECE NO USO OU NÃO DE LÂMINAS CORTANTES EM CULTOS, NO USO DE MATERIAIS INFECTADOS</p>
<p>“porque sou mulher”</p> <p>“porque sou mulher”</p> <p>“porque vai me atacar”</p>	<p>A RELAÇÃO DE RISCO SE ESTABELECE NA CONDIÇÃO DE EXISTÊNCIA, de GÊNERO</p>
<p>“porque é através das relações sexuais”</p> <p>“porque não pode se contaminar só por pegar”</p> <p>“porque é através das relações sexuais”</p> <p>“através de relação sexual”</p> <p>“</p>	<p>A RELAÇÃO DE RISCO SE ESTABELECE POR CONTA DA RELAÇÃO SEXUAL</p>
<p>porque não uso o preservativo”</p>	<p>RELACIONADO AO NÃO USO DO PRESERVATIVO</p>

ESCOLHA DE USO DE PRESERVATIVOS

A partir da questão “Eu NÃO uso preservativos quando ...” os participantes foram convidados a completar a frase:

Conteúdos Emergentes	Análise
“quando estou com o namorado logo no 1º dia” “quando é no primeiro dia” “quando for o primeiro namorado a manter relações sexuais” “quando for o primeiro namorado” “quando me relaciono com um parceiro ele também é pela primeira vez a relacionar” “é o primeiro dia a começarmos ou confiar o meu namorado” “quando passo as primeiras relações sexuais porque ainda confio no meu namorado” “é o 1º dia com o 1º namorado” “quando pela primeira vez a fazer relações sexuais porque ainda há confiança” “quando forem os primeiros dias de namoro” “quando for a primeira vez a amar”	Parece haver impossibilidade de uso na primeira relação sexual; CONFIANÇA NO NAMORADO
“quando já tenho o meu próprio marido de casa” “quando estiver com o meu parceiro”	Com parceiro de confiança, parece não haver necessidade de uso
“quando estamos a fazer relações sexuais” “quando faço relações sexuais”	Relação com sexo não se faz uso de jeito

USO DE PRESERVATIVOS ENQUANTO PREVENÇÃO

A partir da questão “Usar preservativo é ...” os participantes foram convidados a completar a frase:

Conteúdos Emergentes	Análise
“é prevenir doença” “é evitar das doenças que tem” “é prevenir de enes ou várias doenças” “prevenir várias doenças como lâmina, agulha de seringa, etc” “é prevenir-se das próprias doenças transmitidas pelas relações sexuais” “é muito bom para evitar a SIDA e outras doenças que vem através de relações sexuais” “é para prevenir as doenças” “abster-se das DTS”	Associação de uso de preservativos para evitar doenças

SUGESTÕES PARA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS

- Bem compreensível
- Como se deve curar
- Como se infecta
- Mais desenhos e pouco texto
- Mais cores
- Preferem tamanhos menores
- Algumas preferiram livro mais fino/ outras mais grosso

Escola: EPII Jonasse

Número de integrantes: 10

Rapazes 0 Raparigas 10

Idade Média do Grupo 16-17 anos

CONCEITOS RELACIONADOS À SIDA

	Conceitos	Análise Explicativa
Por ordem	Doença, doença que mata, que não tem cura, perigosa, faz mal, transmissora (sic)	Fatalista, catastrófico
Epidemiológica	Transmissora (sic)	---
Significação	Doença, doença que mata, que não tem cura, perigosa, faz mal	Relaciona-se a morte
Resposta possível	Medo	Única resposta possível

Notas do observador: os participantes tinham pouca familiaridade com o tema SIDA, apresentando atitudes preconceituosas em relação às pessoas vivendo com SIDA. Notou também que há média percepção de risco dos participantes, com presença de medo em relação a SIDA.

RISCOS PARA ADQUIRIR SIDA

A partir da questão “Eu posso pegar SIDA...” os participantes foram convidados a completar a frase:

Conteúdos Emergentes	
“porque faço relações sexuais sem usar o preservativo” “porque não uso o preservativo”	A RELAÇÃO DE RISCO SE ESTABELECE NA AÇÃO DE RELACIONAR-SE sem preservativo
“porque não uso o preservativo e é mau para mim mais o meu namorado não gosta que eu uso” “porque eu não gosto de usar preservativo quando estiver a manter relações sexuais” “porque ele não tem uma namorada ou porque ele não aceita usar o preservativo” “porque o meu namorado não gosta de usar o preservativo”	A RELAÇÃO DE RISCO SE ESTABELECE NA AÇÃO Do parceiro não gosta de usar o preservativo
“porque SIDA é uma doença incurável que não tem cura, mata é perigosa, transmissora (sic)” “porque não sou a única, quase toda a gente tem”	Doença transmissível qualquer um pode apanhar

ESCOLHA DE USO DE PRESERVATIVOS

A partir da questão “Eu NÃO uso preservativos quando ...” os participantes foram convidados a completar a frase:

<p>Conteúdos Emergentes</p>	
<p>“quando não me dizeres que tas a prevenir ter filho e SIDA” “quando namoro por confio ao meu marido” “quando um homem usar preservativo diz que não se sente bem” “quando saber que só tenho uma única parceiro (sic)” “quando estou com meu namorado” “quando estou nos momentos sexuais e é mau para o meu gosto” “o meu namorado aceitar de usar o preservativo porque ele pode saber que tem doença e quero me contaminar (sic)” “quando for a única namorada dele” “quando estiver a manter relações sexuais”</p>	<p>O não uso de preservativos está associado ao gosto do parceiro e da confiança</p>
<p>“quando não faço sexo”</p>	<p>-----</p>

USO DE PRESERVATIVOS ENQUANTO PREVENÇÃO

A partir da questão “Usar preservativo é ...” os participantes foram convidados a completar a frase:

<p>Conteúdos Emergentes</p>	
<p>“é muito bom para evitar apanhar doenças de transmissão sexual” “é muito bom porque defendo-me da doença” “é muito bom porque existe muitas doenças que são: o SIDA a desde muitas doenças que existe (sic)” “é prevenir o SIDA” “é muito bom porque nos previna o SIDA e outras certas doenças” “é bom porque previne o HIV” “é bom para prevenir doenças” “é normal porque não transmitem SIDA” “é importante porque evita a morte”</p>	<p>Relação positiva em relação ao preservativo, enquanto protector às doenças</p>
<p>“usar o preservativo é prevenir de SIDA e gravidez”</p>	<p>Relação positiva em relação ao preservativo, enquanto protector às doenças e a gravidez</p>

SUGESTÕES PARA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS

- Figuras
- Mas com mais texto
- Mais volumoso
- Colorido

Anexo 2. Transcrição de Grupos Focais com jovens fora da escola

Grupo Focal de Rapazes

O que vocês acham do preservativo...

“V: Procuramos entender o que nos traz de bom e o que nos traz de errado, na medida em que a gente vai tendo este conhecimento... nos traz boa coisa, na medida em que a gente também vai tendo relações amorosas quaisquer que sejam agente vai tendo uma certa confiança, uma certa confiança, e depois lá para frente criamos cada dúvida (?) com uma mais confiável como a gente acha que seja temos que ir mais adiante ainda continua coisa boa após aquilo que a gente vai tendo informações com nossas companheiras acredito eu não com uso individual é a minha opinião

“preservativo para mim é uma coisa boa além de não contaminarmos por SIDA, orientação aos jovens”

“eu acho que é uma coisa boa, SIDA além destas doenças, vale a pena usarmos o preservativo”

“acho que temos que usar o p nós evitamos muitas doenças e SIDA, muitas coisas”

“todos nós consideramos mas, nós temos um sentimento próprio as nossas observações a medida que a gente vai se relacionando, aparece num momento uma questão dentro de nós e eu acho que este é o problema se sou fiel a minha namorada e eu acredito que ela também é fiel nos não conseguimos aprofundar o mesmo e desconfio o que a nossa parceira é na realidade mas nós vivemos naquela ilusão que não conseguimos viver assim ... há uma dúvida dentro de nos o assunto sobre o preservativo. E SIDA É uma assunto que encontramos ao viver não tivemos ainda a oportunidade de ter uma certeza tal, se nós temos uma informação antes esta conversa entre muitos de nós é a primeira vez...”

“eu acredito que o preservativo protege de muita coisa se eu confiar na minha namorada a ideia é usar o preservativo para não engravidar confiando na namorada precisamos ver se a namorada está contaminada ou não e depois temos que fazer o sexo seguro com o preservativo e tal também temos que ver que preservativos que usamos porque há preservativos estão fora de prazo precisamos ver que preservativo., tem uns que expirou em 99”,

sim o preservativos, confiando na minha namorada onde ela estiver ela tem que ter preservativo na mão na carteira,

TODOS SÓ TÊM UMA NAMORADA

Nós os jovens hoje em dia a gente faz algo, faz abuso de sexo acreditando no SIDA, eu acho isso um pensamento muito errado, tem gente que acha que o jeito nunca vai ter SIDA, mas eu acho que não o jeito é prevenção não constitui a cura mas o jeito tudo na vida não é só tem só 100% DE VANTAGEM tem Tb desvantagem, é preciso que o jovem ponha na cabeça que o jeito é uma meio forma de prevenção mas muito mais com as nossas parceiras AS pessoas mas não é para gente fazer o abuso do sexo só porque existe jeito... não abuso do sexo, eu penso completamente diferente, porque nós estamos numa sociedade a nossa sociedade existe camadas de pessoas existe pessoas que vão escola existe pessoas que não vão a escola que querem viver que tem a concepção da doença o que é SIDA como prevenir e porque o SIDA então tem pessoas que não tem isso na cabeça e acham que é só sair pegar uma caixa de jeito ir a discoteca o jeito não se tirou o jeito para a prevenção das doenças, claro é contra as doenças esse é um dos factores mas Tb o jeito é para gravidez com quem, é para qualquer gaja que a gente vai pegar na rua eu acho que não eu acho que o jeito é constitui uma das coisas é mais paras mulheres para planeamento familiar, aconselho sempre para as mulheres dizerem aos maridos ou usa o jeito porque não estou apta para fazer o sexo, mas o jeito não é só para nós que vamos a discoteca e apanhamos uma gaja aí ou outra quanto ao problema da confiança é sempre bom confiar mas é muito melhor Tb desconfiar sim, as nossas mulheres hoje em dia a gente vive sempre em camadas, eu sou pobre amanhã vai conhecer o Vítor que é rico a minha

mulher pode esquecer o Vítor tem dinheiro e eu estou de chinelos mas não sabe que o Vítor tem por dentro dele e tem que focar nestas mulheres tem investir numa educação que parte mesmo da escola primária, porque o problema do SIDA eu acho que vai actuar mais nas crianças aquelas de 12 13 porque elas não sabem nada, eu já ouvi falar de prostituição infantil parece que eu já ouvi falar disto, aquelas crianças são muito menores que não tem concepção da doença nem sabe o que é jeito elas vêem jeito ali e ha-ha-ha começa a rir pensa que é brincadeira já está lá o homem compra ela um jovem um bocadinho mais crescido já tem precisa se investir para se acabar com esta ignorância nas nossas cabeças eu não sei nada como todos aqui

“Acho pode ser uma moça, a moça tá boa fazem de tudo para ter ela, com dinheiro com quem moças da rua eu não conheço... há grande diferença eu não preciso eu chamo de lado para conversar vamos a um bate papo vamos tomar um refresco se eu gostei dela e se ela também gostou deve se abrir comigo assim agente pode...”

“ eu acredito ser impossível não olhar para uma outra porque qualquer mulher tem um chamariz a gente pode andar nem que seja com a companheira ao lado agente consegue procurar querer alguém pode querer só apreciar a minha namorada.. ter uma única namorada é possível

“eu acho que nunca é demais olhar nunca é demais apreciar o mal é querer todas, é como olhar...”

olhar varia com o encanto que as pessoas nos traz

eu tenho duas namoradas... é muito simples... vai para casa de uma e depois na casa de outra.. uso o preservativo com as duas é claro.. uma não sabe da outra”

“na minha opinião se eu tiver duas tenho que usar com duas ... eu uso nas duas, não com uma sim e outra não...”

“eu credito que o preservativo é uma coisa sem limites, não tem com essa não tem com aquela... mas temos por coisa uma questão de fidelidade ... eu tenho um principio... quando começa uma relação com uma moça a gente tem muito o que conversar, expor ela saber de mim e eu procuro saber dela... para mim namorar não levá-la para cama ter sexo eu tenho muito tempo para conversas com uma moça que eu desejo, nem que aquela que eu desejo para namorar, uma amiga, que não desejo para sexo, eu tenho muito tempo para conversar a gente põe para não acontecer aquele imprevisto a gente tem primeiro que conversar se a gente não chega a um consenso não vale a pena a gente continuar... interessa mais para mim é aquele consenso que a gente vai transar nosso contrato de namoro não só assim é bom

“a primeira vez que eu transei com uma namorada... mais tempo andando

“já aconteceu eu tive que falar dessa vez eu não cheguei a usar jeito... eu fiquei 6 meses aqui estou mal... eu pensando que tinha contraído o HIV era uma moça que andava por aí tinha muitas brincadeiras eu pensar que já tinha e que já tinha transmitido a minha namorada... com a minha namorada as vezes a gente não usa... elas tem um sistema delas... e foi e me sentia culpado achando que já tinha transmitido e foi aí que fui fazer análise, tenho conseguido fazer análise deu seronegativo então aí eu disse já escapei graças a Deus o que fazer com este hábito... não vou repetir nunca mais fazer isto porque sei que desta vez foi graças a Deus mas da próxima vez Deus não estará aqui para zelar por mim então é melhor eu mesmo olhar por mim... eu não usei por emoção aquela era uma gaja bem gostosa é pá eu quero assim como ela é existe sempre aquela coisa na cabeça há um dia que agente diz não, não vou usar exemplo aquele que vive bebendo bebendo todos os dias e aí percebe que álcool faz mal então um dia bebe e o álcool faz mal então ele se pergunta o que aconteceu comigo é por que o álcool não está a fazer bem... mas

ele insista insistia que chegou um dia pá... isto aqui não é para ti então o que acontece mesmo com as mulheres vai procurando procurando e a gente vai vendo como divórcio porque a mulher conheceu outro o homem conheceu outra então aconteceu isso comigo mas a partir daquele dia eu tive uma visão eu não saio por aí sem jeito com a minha namorada mesmo com uma de fora

“há uns poucos jovens

“não eu acho que não tira o prazer fazendo sexo com elas com jeito chega uma certa altura que pá... não lhes dá certo prazer, eles tiram... deixa aquilo de lá e vão fazer sexo... comer banana com casca não tem sentido”

“Muitos jovens dizem isto”

“Mas esse problema é mais das mulheres a maior parte dos jovens dizem, nós estamos numa sociedade que as mulheres estão a desafiar os homens, hoje ser normal uma mulher conquistar um homem, uma mulher hoje . Hoje também é normal uma mulher dizer ao homem: v/c não é nada , v/c não faz nada está a falar com homem, v/c está numa paquera aí ... então também o conceito do que quero ela diz: v/c já comeu banana com casca que o homem vai dizer? O homem arrasta o chão, não! Então, vai contraindo SIDA.

“A gente pode estar numa festa e a moça já nos ambiciona... e quando isto acontece a moça vem com aquelas ambições e diz ao homem eu não quero ter nenhuma barreira por dentro e a moça quando impõe aquelas condições, ele diz não, eu volto atrás... por desejo...

“nós temos tempo para aceitar... nós aqui a gente tem certeza... é difícil dizer para mim”

Se transar sem

“Depende o que ela quer me dar... e eu também não posso aceitar por isso deste jeito eu não posso aceitar... Agora se for a primeira dela... faço a relação... a desconfiar... mas faço

Ninguém afirmou ter relações porque era a primeira dela

“Eu por mim depende da emoção que a gente tem ter oportunidade de não só se contrai numa relação sexual, eu por mim a primeira coisa namorada minha Júlio. Essa uma das condições uma namorada minha... a primeira relação não muda em nada... já tenho a dizer que tenho uma informação um pouco mais qualquer coisa... uma relação... na escola uma professora de Biologia... Agora essa coisa de ter uma primeira relação e não usar isso eu não sei”

“Já transei sem preservativo... foi bom... com jeito ou sem jeito é igual para mim.. a diferença é psicológica... que faz normalmente eu acho que é igual”

Usando camisinha frouxa

“Eu tive um amigo que disse que sim”

Quem leva o preservativo

“Ela leva ou eu”

“eu é que levo... sempre...”

“Eu é que levo sempre”

Encontrassem uma camisinha na bolsa

“Por mim uma sensação de infidelidade sentaria com ela para conversar, aí podem existir duas coisas, ela tem algum pressentimento que amanhã Vítor qualquer das formas vai querer fazer sexo... ele não jeito... ela conhece a si mesmo... aí tempos que entrar numa conversa eu tenho que procurar saber... não é fácil ...”

“ Até aí, tentaria conversar com ela, deve ser para protegê-la. Não sou ciumento”

“Eu sento converso com ela, ao explicar aquilo e depois se eu encontrar a camisinha na bolsa dela eu fico com mais ciúmes e eu vou ficar com uma dúvida comigo que não estou... aceitaria mas não numa boa... hoje em dia as mulheres elas sempre será...

“Fiel com preservativo aí é melhor.. eu desconfiava eu desconfiaria pelo tal onde v/c pegou isso. Depende da explicação dela a gente chegaria a um consenso sobre isso... mas sempre a gente encontra coisa na explicação na justificativa... por quem mente sempre gagueja... mas quem fala a verdade sempre fala firmemente... vou querer onde v/c apanhou e porque? Mas chegou um tempo e disse e pá: é difícil confiar em ti mas para mim eu tenho ambições eu quero ter filhos eu quero ter uma família Tb quero ser igual meu pai ficar velho e ela Tb. No dia que isso acontecer... eu te peço de joelhos use jeito.. mas infidelidade assim é a pior coisa... se eu apanhar hoje em dia acharia normal mas queria saber aonde ela apanhou... e por que está com jeito.

“E se ela me traz jeito e se ela me responder que irá se encontrar com qualquer um mandaria ela passear.

“Mandar passear, não. Sempre há uma maneira de encaixar no lugar...

“Com jeito, ou sem jeito... isso. Se ela conheceu comigo mas o problema não é com ela... o problema é com quem ela há de usar... se vamos usar por que não compra e deixa no meu quarto. É lá onde a gente tem relações sexuais... Ela compra e deixa lá. E não que venha a dizer que tenho camisinha no bolso para ocasionalidades? Nós fizemos um contrato e neste contrato deve haver confiança.

Contrato que vale só ao homem

“Mas isto tinha que ser uma coisa normal... eles podem dizer que mandariam embora. Mandar embora uma gaja só porque ela está com jeito... acho que isto é mentira... para quem ama mesmo”

Na verdade há uma coisa... quando iniciamos um namoro a moça até diz... eu quero namorar com v/c ... se eu gostar eu aceito... mas aquela que namora e tinha namorado antes de namorar com V. Agora temos que ver este caso se ela vinha utilizando o preservativo e antes de namorar com V.

Um homem nervoso pode oferecer jeito... está aí amor... Um dia com a minha namorada eu entrei numa loja e diz que não queria entrar ficou ali Chegaram aqueles moços que fazem estas propagandas e deram 3 jeitos e saí e encontrei ela com 3 jeitos na mão e perguntei onde ela pegou e pá: ofereceram...Eu fiquei nervoso, mas quem pode oferecer jeito eu não está a gostar e ela disse: aqueles moços ali! E eu nervoso tive que me rebaixar e fui perguntar para aqueles moços se eles tinham oferecido jeito, afinal de contas tinham sido eles na verdade. Mas se eu não tivesse encontrado aqueles moços talvez aí tivesse sido um escândalo. É normal minha gaja me trair por exemplo com I? Eu saber que me traiu com I. Eu posso me afastar dela... mas uma semana depois eu vou atrás ou vem me atrás E se gosta muito a gente volta a namorar. Mas eu sabendo que dormiu com I. Mas não é com jeito. Mas como ganhou jeito? Ser ali na rua? Mas como? Mas aí já são escândalos, ciúmes, é bom a gente ficar por mim eu analisava Mandar embora é mais perigoso do que tentar avançar no problema. Eu mando embora e ela pode se envolver com ene homens, mas eu não vou conseguir esquecer e aí eu procuro. Eu não agi correctamente. Tenho que saber o porque que traiu, quais foram os motivos, para a gostar nele... e aí ela diz eu já gostava dele... aí eu digo está bom é melhor afastar Tem coisas que dificultam isto. Já aconteceu de uma gaja que epa se envolveu com um gajo mesmo que a namorar comigo.. mas

aconteceu pela primeira vez. E resolvi perdoar, dar uma chance e com a chance que eu dei para tudo até hoje nós estamos... O que acontecesse com uma gaja... todos somos humanos... Sai de uma festa conheço uma gaja, eu paquero mas este direito minha gaja não tem porque ela é mulher... isto não é justo. O gajo pode namorar... e temos que pensar da mesma maneira de modo que a gente tenha o relacionamento .

O homem e a mulher tem o mesmo direito?

“O homem tem direito e a mulher não”

“Há um problema direitos... a mulher e o homem todos tem direitos e aí tem hábitos que a gente tem que levar em consideração... um exemplo, num caso de uma traição ou a gente se separarmos... não porque a gente não goste ... mas também alguém não pode aceitar ser espezinhado quando que gosta, não! A gente deve agir mediante nossos sentimentos, não perdoar também não é aconselhável. A gente pode e devemos perdoar. Eu com a minha namorada estamos a discutir um caso que é ela me trazer jeito no bolso que nunca foi hábito dela isso nunca foi hábito... aí vamos conversar e dentro da conversa a gente não chega a um consenso porque ela não dá uma explicação apaziguadora... O jeito é meu acabou! Não chega a satisfazer a minha questão... ela tem que esclarecer até eu entender o porquê dela estar trazendo jeito no bolso.

“Para mim ninguém tem direito de trair, mas tem os mesmos direitos iguais”

Para vocês seria mais fácil aceitar se sua mãe ou pai. O que é mais difícil de ver

Todos afirmaram que foi ver a mãe.

“Não tem nada a ver aceitar isso. É minha mãe e o meu pai, eu dou para eles o amor igual...Eu não gosto de aceitar coisas negativas. ”

“O pai tem o direito de ter outra mulher”

“Mas aí tem um problema a ser encarada. Fica mais pesado na mãe. Agora sabes, agora ele está a namorar ele tem até o direito... teríamos que ter um caso com uma mulher e os filhos como hão de ficar”

“Aí pode chegar num ponto em que a mãe tem e o pai tem e aí já não são casados”

“As vezes vivem na mesma casa mas cada um está sozinho, então os filhos estão repartidos e psicologicamente já é muito difícil digerir esta situação... mas é mais preferível que seja o pai do que a própria mãe”

Quando educar os filhos de vocês? Vocês vão passar os mesmos valores?

“Acho que a educação é igual... O problema não é de SIDA...”

“V/c com seu pai numa barraca tomando cerveja e não entre pai e filho, mas entre amigos, mas com minha filha é uma coisa normal”

“Para min não seria normal”

“Na educação dos filhos, varia de fase teria de fazer a transição para a maturidade... aí já os filhos não podem ter exactamente os mesmos direitos. É nossa tradição não é aceitável que uma mulher leve o namorado para a casada dela”

Fim da fita 1

“É normal ter 2, 3 e 4 mas não na mesma casa...”

“” Eu não acho uma coisa normal, ter 2 3 pessoas é claro que eu posso ... agora eu acho melhor”

“Mais não é ... nós temos que aceitar”

“ O que muito acontece pessoas que vivem na mesma casa, não separado mas na mesma casa”

“Eu acredito que esta mentalidade vai se reduzindo. Antigamente havia 4 mulheres no mesmo quintal... Mas as coisas vão mudando. Hoje conseguem ter 2 mulheres em casas diferentes. A medida que a gente vai obtendo conhecimento.. que os pais querem conforto... a gente tem mais possibilidades de ter mais conhecimentos, coisas mais novos , vão mudar, para mim não é normal. Não é fácil aceitar, mas as coisas vão mudar”

“Eu não acho nada”

“Não sonhamos em ter 2 3 mulheres”

“Nunca diz nunca”

“Mas só meu desejo era de ter só uma”

“Mas as vontades sempre partem daquilo que nós somos que nós construímos... “

“há casos, no meio disto eu gostaria de ter um modelo loiro... eu não consigo ter mulher loira... ter uma mulher perto de mim... minha, nega.. o tempo vai passando... na vida eu consigo me aproximar aquela que foi de meu sonho”

Dificuldades em usar o preservativo

“Pela primeira vez foi difícil, eu não sabia. Não vou mentir, eu não sabia que se aperta o biquinho

“Eu também não sabia. Mas a coisa mais difícil foi aceitar o uso do preservativo”

“Para mim foi ao contrário, quando eu ouvi falar do preservativo eu tive vontade de usar o preservativo... Como é que se usa aquilo ali.. eu não sabia por aquilo ali... mas eu não sabia que se apertava”

O que vocês acham de uma pessoa que tem SIDA

“Nunca podem perder a esperança. A pessoa deve continuar. Mais carinho a ele. ”

“Tivemos um amigo que chegou a se contaminar... não devemos desampará-lo fazemo-lo entender que a vida não chegou ao fim. Aceitar a si daquela maneira... vai ser diferente...E quando a gente tem SIDA a vida não para. Precisa aprender a conviver com este problema. Só não pode levar uma vida de uma pessoa que não tem SIDA”

“Se for um amigo do braço direito, ajuda ele, fica com ele...”

“Sempre tem capacidade de pensar positivo...”

F. Passa agora a contar uma experiência pessoal, que como pode ser identificado pelas passagens, preferimos não transcrevê-lo

FIM DA SESSÃO

Grupo Focal Meninas

Sobre o uso de preservativos

“Todos devem usar, tanto os homens como as mulheres, enfim todos”

“Dá para proteger, gravidez, muita coisa,

“ previne contra as doenças transmissíveis

“Não costumamos usar

“Há outros que não gostam... não querem haver com preservativos... não sentem o gosto”

“há outros que não gostam às vezes usam com outra como desculpa porque diz que não confia em mim é tomar banho com capa de chuva “

“não gosto de comer banana com casca”

“confiando não uso ...confiar no meu namorado não namora com umas moças é meio difícil...pela umas namoradas que tu não confias em mim tem que namorar muito, não sei”

“Ele sabe tem doença e ele sabe que pode transmitir essa doença, pois a pessoa uma vez que você confia, se você conhece... posso confiar neste momento por exemplo se eu estou a namorar eu por outra está em casa confiando mas confiando com dúvida

“ Com dúvidas vou para casa e ele me deixa em casa e fico em dúvida se ele vai directo para casa ou não... eu não sei ou vai ter com outras meninas mas como eu gosto dele... eu posso confiar mas confiar com dúvida”

“por sei lá não é fácil

“podemos pedir para ele usar connosco em casa...

E se ele não aceitasse

“Não aceitaria.... sem preservativos eu não faço relação sexual... vou ficar nervosa com ele”

“Não faria amor com ele sem o preservativo. Porque ele não gosta de mim, ele não me quer, porque só me ter com aquela doença?

“Poderia aceitar , porque já não há meios, precisaria perguntar para os mais velhos como é que quer fazer amor sem aquilo ali...

“Os mais velhos.. quem os pais? O que eles acham? Eu não sei eles o que eles acham eu não sei... acho sim os pais com os filhos os pais dizem aos filhos para usarem o preservativo”

“ Sem preservativos eu não posso aceitar... Eu poderia me separar... Eu iria dizer assim vamos fazer sexo para evitar doença ir ao médico na clínica para eu saber se ele tem doença ou não... para ter certeza... se gostas mesmo não é fácil dizer separar-se dele vamos no médico”

“Há outros que batem para conseguir manter relações sexuais”

“Podemos dizer que é o homem, enquanto nós mulheres também temos problemas”

“Tem doenças”

“Até poderia não aceitar fazer, porque ele pode estar com outra e eu posso ficar com medo, mas tem que ir ao médico para ter certeza...”

“É um problema....”

“Vamos juntos”

“É comum essa coisa da sexta feira... não sairíamos pela outra porta para dizer que é nosso dia. Homem dizer que tem direito, ele não fica gasto, só as mulheres é que ficam gastas, mulher quando anda com muitos é “água”.

“É normal... o homem tem muitas mulheres... ele fica com muitas mulheres... é real você é que sabe”

“Nenhuma mulher

“Pode ter um amigo que te dificulta. Eles gostam de aproveitar”

“começam a contar o que eles fazem aí fora e se a menina tem mais de um eles começam a contar aí fora”

“ O certo é ele ter uma parceira... e a mulher um parceiro”

“Diriam que ela é puta se ela tem outros namorados”

“A tendência é ir para aqueles o que acontece é que impossível se tem tantas namoradas ele não gosta de todas as namoradas ele namora comigo e depois quer conquistar a minha irmã ela caiu no papo dele e com as nossas duas nenhuma de nós ele ama e depois sai pela porta e namora com 2 irmãs mentiu para ela e para mim e nós gostávamos dele e não conseguimos nos segurar e caímos na conversa dele no momento não gostava o problema que vai acontecer é que se calhar não gostava de nós”

“Toda a mulher quer um homem que não tenha outras namoradas”

“ As pessoas mudam, eles também tentam fazer o que eu outros fazem, já depois casados para ter filhos e criar uma família e temos muitos nãoos pela frente e não tenho nada e não ter nada ... eu estou grávida não ter condições para manter relações sexuais namorar o homem parece que tem que ter relações sexuais ... e se não tem... ele diz que você não me ama”

“Namorar não é manter relações sexuais”

“Acontece isso... uma amiga ela era muito minha amiga tudo o mais ele começou a paquerar ela no mesmo dia .para provar que te me amas.. ele queria ela não aceitou e eu disse não é desse jeito ela não te ama”

“Na primeira relação não aceitam usar o preservativo ... não vai preparada para isto... às vezes acontecesse de se preparar ... o homem é que leva o preservativo...”

“hoje... no namoro você vai para casa dele e aquele coisa já está habituado... e se nesta noite ele decidir e eu tenho que ir para casa e ele tranca as portas com as chaves eu quero ir para casa ... antes de despedir... você nunca vai achar que isto vai acontecer ... trancar as portas ninguém está ali não adianta gritar não pode fazer nada a aí acontece...”

“Não adianta não aceitar... eles trancam a porta ... e meus pais iam perguntar aonde é que eu estava? Acontece muitas vezes... na primeira fazer com o primeiro namorado”

“Acontece com o primeiro namorado, depois elas ficam espertas”

“Nós não levamos o preservativos”

“Você faz relações com outras pessoas”

“Ela não tem o direito de levar o preservativo ele vai dizer... leva para quê?”

“Ele é que leva, e ela leva para quê?”

“Acontecesse da gente ela dizer que não pode namorar muitos... muitos namorados são pessoas eles são calados com doenças assim nós temos que preveni-los”

“Os moços são os que arranjam as doenças.... eu tenho uma amiga que tem muitos namorados... pode trocar a noite... não costuma usar os preservativos quando esta com estes namorados... elas não gostam de usar o preservativo”

“É verdade... há certas miúdas que não gostam de usar ... nem todas... sabem para que serve o preservativo . Na escola tem dado palestras sobre o preservativo... sobre como usar o preservativo... eles explicam para que serve o preservativo.

“Não usam o preservativo por que acham que o preservativo pode transmitir doenças... DTS que vocês dizem por aí quando se é muito novinho, o preservativo vai roer lá dentro e ficam doente, quando é muito novinha”

“Há muitas moças que não usam por isso. As moças querem sentir o gosto”

“Eu não sei... Porque elas também querem comer banana com casca... Nós não sabemos qual é a diferença...”

Todas se dizem virgens

“ Uma vez eu usei com preservativo e outra sem preservativo... eu não sei qual é a diferença... é tudo igual”

“A gente não usou porque nenhum tinha preservativo. Já tinha usado o preservativo. Mas nem ele nem eu falamos no preservativos. Já tínhamos ouvido falar da doença. Parei de manter... fiquei com medo das doenças. Até quando eu não sei”

“Nesse caso eu sabia que precisava do preservativo mas eu não desconfiava, prevenir gravidez, então aí no primeiro dizer eu fiz sem preservativo... aconteceu mas eu não sabia... eu confiava e

ele também confiava. Eu sou a única para ele e ele é único. Antes ele disse que não tinha outras namoradas... mas no momento não tinha”

“Porque você quer pôr isto aqui? ... na outra... Não tinha limites.. Eu queria usar e eu não queria... Ela nunca tinha feito... Eu negou”

“Nós sabíamos o que... estávamos... com meu namorado eu nunca usei preservativos...Da parte dele eu não sei”

“Eu sei porque o meu namorado é só meu...Ele nega que tenha, só faço amor contigo. Eu não sei”

“Exijo mas não aceita”

“Tu não confias em mim? Já namoramos há tanto tempo”.

Reacção com SIDA

“Tanto faz... não faz diferença... te gente que tem mas não sabe que tem”

“ Uma pessoa iria ajudar”

“Há pessoas que quando têm SIDA dizem que não querem morrer sozinhos, vão transmitir a outra pessoa”

“Sim acontece, não quer morrer sozinha. Transmitem a uma pessoa e esta transmite a outra”

“Há casos que a pessoa tem mas sem saber e namora com outros” Pode levar muito tempo sem saber que tem SIDA”

“O SIDA não tem cura. Conversar ajuda. Ter as suas próprias coisas, lâminas, pratos não. Ter os seu pratos, tigelas”

“Pratos, não, lâminas sim”

Anexo 3. Tabulas de Categorias Analíticas dos Grupos Focais

Categoria de análise	Rapazes	Meninas
1 Confiança no parceiro	<p>“vai tendo relações amorosas quaisquer que sejam agente vai tendo uma certa confiança, uma certa confiança, e depois lá para frente criamos cada dúvida (?)”</p> <p>“se sou fiel a minha namorada e eu acredito que ela também é fiel nos não conseguimos aprofundar o mesmo e desconfio o que a nossa parceira é na realidade”</p> <p>“confiando na minha namorada onde ela estiver ela tem que ter preservativo na mão na carteira”</p> <p>“é sempre bom confiar mas é muito melhor Tb desconfiar”</p> <p>“Fiel com preservativo aí é melhor.. eu desconfiava eu desconfiaria pelo tal onde você pegou isso”</p> <p>“ No dia que isso acontecer... eu te peço de joelhos use jeito.. mas infidelidade assim é a pior coisa”</p> <p>“E não que venha a dizer que tenho camisinha no bolso para ocasionalidades? Nós fizemos um contrato e neste contrato deve haver confiança.”</p>	<p>“confiando não uso”</p> <p>“mas confiando com dúvida”</p> <p>“eu confiava e ele também confiava”</p> <p>“com meu namorado eu nunca usei preservativos”</p> <p>“Eu sei porque o meu namorado é só meu”</p> <p>“Tu não confias em mim? Já namoramos há tanto tempo”.</p>
2 Estilo de Vida (triângulo)	<p>“prostituição infantil parece que eu já ouvi falar disto, aquelas crianças são muito menores que não tem concepção da doença nem sabe o que é jeito”</p> <p>“se eu tiver duas tenho que usar com duas ... eu uso nas duas, não com uma sim e outra não”</p>	<p>“Diriam que ela é puta se ela tem outros namorados”</p> <p>“Você faz relações com outras pessoas”</p> <p>“... eu tenho uma amiga que tem muitos namorados... pode trocar a noite... não costuma usar os preservativos”</p>
3 Questão de género: parceiro não gosta e homem é quem decide (poder de decisão)	<p>“se eu confiar na minha namorada a ideia é usar o preservativo para não engravidar confiando na namorada precisamos ver se a namorada está contaminada ou não”</p> <p>“o jeito é para gravidez é para gravidez com quem, é para qualquer gaja que a gente vai pegar na rua eu acho que não”</p> <p>“é mais para as mulheres para planejamento familiar”</p>	<p>“Todos devem usar, tanto os homens como as mulheres, enfim todos”</p> <p>“Há outros que não gostam... não sentem o gosto”</p> <p>“há outros que não gostam às vezes usam com outra como desculpa porque diz que não confia em mim e tomar banho com capa de chuva”</p> <p>“não gosto de comer banana com casca”</p> <p>“Há outros que batem para conseguir manter relações sexuais”</p>

<p>“eu acredito ser impossível não olhar para uma outra porque qualquer mulher tem um chamariz a gente pode andar nem que seja com a companheira ao lado”</p> <p>“eu acho que nunca é demais olhar nunca é demais apreciar o mal é querer todas”</p> <p>“eu tenho duas namoradas... é muito simples... vai para casa de uma e depois na casa de outra.. uso o preservativo com as duas”</p> <p>“é aquele consenso que a gente vai transar nosso contrato de namoro não só assim é bom”</p> <p>“nós estamos numa sociedade que as mulheres estão a desafiar os homens, hoje ser normal uma mulher conquistar um homem”</p> <p>“Hoje também é normal uma mulher dizer ao homem: você não é nada , você não faz nada está a falar com homem, você está numa paquera aí ... então também o conceito do que quero ela diz: você já comeu banana com casca que o homem vai dizer? O homem arrasta o chão, não! Então, vai contraindo SIDA.”</p> <p>“E não que venha a dizer que tenho camisinha no bolso para ocasionais? Nós fizemos um contrato e neste contrato deve haver confiança “</p> <p>“Um dia com a minha namorada eu entrei numa loja e diz que não queria entrar ficou ali Chegaram aqueles moços que fazem estas propagandas e deram 3 jeitos e saí e encontrei ela com 3 jeitos na mão e perguntei onde ela pegou e pá: ofereceram...Eu fiquei nervoso, mas quem pode oferecer jeito eu não está a gostar e ela disse: aqueles moços ali! E eu nervoso tive que me rebaixar e fui perguntar para aqueles moços se eles tinham oferecido jeito, afinal de contas tinham sido eles na verdade. Mas se eu não tivesse encontrado aqueles moços talvez aí tivesse sido um escândalo”</p> <p>“Tenho que saber o porque que traiu, quais foram os motivos”</p> <p>“O homem tem direito e a mulher não”</p>	<p>“Podemos dizer que é o homem, enquanto nós mulheres também temos problemas”</p> <p>“É normal... o homem tem muitas mulheres”</p> <p>“Homem dizer que tem direito, ele não fica gasto, só as mulheres é que ficam gastas, mulher quando anda com muitos é “água”.</p> <p>“Eles gostam de aproveitar”</p> <p>“... o homem é que leva o preservativo</p> <p>“hoje... no namoro você vai para casa dele e aquele coisa já está habituado... e se nesta noite ele decidir e eu tenho que ir para casa e ele tranca as portas com as chaves eu quero ir para casa ... antes de despedir... você nunca vai achar que isto vai acontecer ... trancar as portas ninguém está ali não adianta gritar não pode fazer nada a aí acontece...”</p> <p>“Nós não levamos o preservativos”</p> <p>“Ela não tem o direito de levar o preservativo ele vai dizer... leva para quê?”</p> <p>“Os moços são os que arranjam as doenças”</p> <p>“... há certas miúdas que não gostam de usar”</p> <p>“As moças querem sentir o gosto”</p>
---	---

	<p>“ela tem que esclarecer até eu entender o porquê dela estar trazendo jeito no bolso.”</p> <p>“O pai tem o direito de ter outra mulher”</p> <p>aí já os filhos não podem ter exactamente os mesmos direitos. É nossa tradição não é aceitável que uma mulher leve o namorado para a casada dela”</p> <p>“Antigamente havia 4 mulheres no mesmo quintal... Mas as coisas vão mudando. Hoje conseguem ter 2 mulheres em casas diferentes”</p>	
4. 1ª relação sexual sem preservativos	<p>“e quando isto acontece a moça vem com aquelas ambições e diz ao homem eu não quero ter nenhuma barreira por dentro e a moça quando impõe aquelas condições”</p> <p>“Agora se for a primeira dela...faço a relação... a desconfiar... mas faço”</p> <p>“a primeira relação não muda em nada”</p>	<p>“Na primeira relação não aceitam usar o preservativo”</p> <p>“Acontece com o primeiro namorado, depois elas ficam espertas”</p>
5. Fatalismo	<p>“vivemos naquela ilusão que não conseguimos viver assim”</p> <p>“faz abuso de sexo acreditando no SIDA, eu acho isso um pensamento muito errado, tem gente que acha que o jeito nunca vai ter SIDA”</p> <p>“porque sei que desta vez foi graças a deus mas da próxima vez deus não estará aqui para zelar por mim então é melhor eu mesmo olhar por mim”</p>	<p>dizem que não querem morrer sozinhos, vão transmitir a outra pessoa”</p> <p>“ não quer morrer sozinha”</p> <p>“O SIDA não tem cura. Conversar ajuda. Ter as suas próprias coisas, lâminas, pratos não”.</p>
6. Falta de resposta possível à prevenção, sem intervenção do sujeito	<p>Vale a pena usarmos o preservativo”</p> <p>“porque há preservativos estão fora de prazo”</p> <p>“é preciso que o jovem ponha na cabeça que o jeito é uma meio forma de prevenção”</p> <p>“porque nós bestamos numa sociedade a nossa sociedade existe camadas de pessoas existe pessoas que vão escola existe</p>	<p>“Dá para proteger”</p> <p>“ previne contra as doenças transmissíveis”</p> <p>“ O certo é ele ter uma parceira... e a mulher um parceiro”</p>

	<p>“pessoas que não vão a escola”</p> <p>“investir numa educação que parte mesmo da escola primária, porque o problema do SIDA eu acho que vai atuar mais nas crianças aquelas de 12 13 porque elas não sabem nada”</p> <p>“a gente tem muito o que conversar, expor ela saber de mim e eu procuro saber dela”</p> <p>“eu fiquei 6 meses aqui estou mal... eu pensando que tinha contraído o HIV era uma moça que andava por aí tinha muitas brincadeiras eu pensar que já tinha e que já tinha transmitido a minha namorada”</p>	
7. Questão do preconceito ao seropositivo	<p>“Nunca podem perder a esperança. A pessoa deve continuar. Mais carinho a ele. ”</p> <p>“Tivemos um amigo que chegou a se contaminar... não devemos desampará-lo fazemo-lo entender que a vida não chegou ao fim. Aceitar a si daquela maneira... vai ser diferente...E quando a gente tem SIDA a vida não para. Precisa aprender a conviver com este problema. Só não pode levar uma vida de uma pessoa que não tem SIDA”</p> <p>“Se for um amigo do braço direito, ajuda ele, fica com ele...”</p> <p>“Sempre tem capacidade de pensar positivo...”</p>	Ter os seu pratos, tigelas”
8. Falta de informação adequada	<p>“precisa se investir para se acabar com esta ignorância nas nossas cabeça eu não sei nada como todos aqui”</p> <p>“não eu acho que não tira o prazer fazendo sexo com elas com jeito”</p> <p>“chega uma certa altura que pá... não lhes dá certo prazer eles tiram... deixa aquilo de lá e vão fazer sexo... comer banana com casca não tem sentido”</p> <p>“Já transei sem preservativo... foi bom... com jeito ou sem jeito é igual para mim.. a diferença é psicológica... que faz normalmente eu acho que é igual”</p> <p>“Usando camisinha frouxa. Eu</p>	“Não usam o preservativo por que acham que o preservativo pode transmitir doenças...”

	tive um amigo que disse que sim” “Pela primeira vez foi difícil, eu não sabia. Não vou mentir, eu não sabia que se aperta o biquinho”	
--	--	--